



JUVENTUDE RURAL ENTRE SAIR OU FICAR! QUE CAMINHO SEGUIR?

Laércio de Souza, Mestre, Instituto Federal Catarinense /IFC

Valmor Schiochet, Doutor, Fundação Universidade Regional de Blumenau/FURB

Resumo

Os agricultores familiares procuram manter indivisível o patrimônio a partir da seleção de um sucessor. A juventude é afetada de maneira mais dramática por essa dinâmica de diluição das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos, associada com a falta de perspectivas para que vivam da agricultura. É importante que sejam disponibilizadas condições e opções aos jovens para que estes possam vir a desenvolver suas habilidades e a atuar como agentes de transformação de suas localidades. Os agricultores familiares são atores sociais e os/as jovens rurais devem ser reconhecidos como grupo social e que são os responsáveis pela preservação do patrimônio natural e social do rural. Há processo de divisão, posições distintas para cada membro da família, homens, mulheres, jovens, crianças e idosos. Mas, outra percepção importante, é que, como atores sociais, os jovens apesar de viverem as condições do espaço rural em que estão inseridos, também atuam sobre ele: a partir dos conhecimentos adquiridos em outros espaços, eles definem a suas escolhas e estas interferem diretamente na sua família e na sua comunidade. O presente artigo enfatiza as influências dos jovens rurais na organização e dinâmica do espaço rural, sobretudo com relação aos seus projetos de vida, os quais poderão privilegiar, ou não, sua permanência no meio rural.

Palavras-chave: Juventude. Migração. Sucessão. Gênero.



1. Introdução

O desenvolvimento dos espaços rurais está atrelado às possibilidades de os jovens permanecerem nestes espaços, sobretudo com relação a seus projetos de vida, os quais poderão privilegiar, ou não, sua permanência no meio rural de acordo com as motivações existentes e com suas habilidades naturais, que podem levá-los a optarem por uma atuação agrícola ou não agrícola no espaço rural ou urbano.

Desse modo, o dilema que a juventude tem diante do futuro diz respeito à situação caracterizada pelo fato de que, ao mesmo tempo em que se abrem possibilidades diversas, muitas vezes, alguns jovens, dependendo das condições em que se encontram, não têm o que escolher e ficam acudados pelas condições ambientais, sociais ou psicológicas (CASTRO; CORRÊA, 2005). Assim sendo, é muito comum associar juventude com as crises de identidades, muitas dessas provocadas pelas dificuldades de inserção profissional, pelo aumento das exclusões sociais e transformações da própria condição de ser jovem (DUBAR, 2005).

Carneiro (1998) enfatiza, em suas análises, que esses jovens, por muito tempo, ficaram despercebidos por parte do meio acadêmico, sobretudo no que diz respeito a suas reais necessidades de permanência no meio rural ou a fatores que a determinam. Além disso, para Pais (1993) e Abramovay et al. (1998), a juventude rural é marcada por instabilidades e incertezas relacionadas ao universo urbano, como a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, a necessidade de migração para cidades, situações envolvendo escolaridade e outros temas que já têm merecido a atenção de pesquisadores.

Dessa forma, a dinâmica e o processo de desenvolvimento regional configuram-se como um complexo objeto de estudo, dadas as diferentes condições intrínsecas e externas existentes dentro e entre diferentes localidades que compõem o território observado. Seguindo essa linha de raciocínio, Ferreira de Lima (2012) {...} o desenvolvimento regional compreende a realização do bem estar de toda a sociedade, sem o esgotamento de todos os recursos naturais, transformando economias atrasadas em avançadas, diminuindo as disparidades sociais e equilibrando as necessidades de todos, criando condições para que as pessoas possam viver numa sociedade em que respeitem as diferenças e os direitos individuais.

Nesse sentido, sendo imprescindível a existência do fator humano como parte fundamental para o desenvolvimento, figuram com especial importância os jovens, compreendidos como uma parcela significativa da população que representa a possibilidade



da promoção de mudanças sociais significativas, assumindo funções estratégicas dentro das unidades de produção familiar.

É importante compreender que a sucessão na propriedade familiar seja entendida como um processo que engloba vários fatores internos e externos a propriedade que devem ser considerados, e não apenas como a troca de um responsável pelo outro. Segundo Lobley et. al (2010):

“Sucessão não é um evento único, mas é (ou deveria ser) um processo que tem lugar em um período de tempo extenso. Sucessão é o processo de transferência da gestão dos recursos do empreendimento familiar a um sucessor (ou múltiplos sucessores), ou pode envolver a transferência do capital necessário para estabelecer um novo empreendimento agrícola. Desta forma, é possível distinguir entre sucessão do agricultor e sucessão da ocupação de agricultor”.

A compreensão das relações geracionais é fundamental para explicar o problema da mudança social, principalmente em termos de desenvolvimento regional. Dessa forma, infere-se que dependendo de como as novas gerações são inseridas no processo de desenvolvimento de uma determinada região, existem maiores ou menores possibilidades de mudanças sociais na dinâmica desse mesmo processo

Assim, ao se focar esse processo de pesquisa na juventude rural é possível compreender como esses atores estão inseridos no processo de continuidade das atividades familiares da agricultura familiar, o que nos permite identificar a ocorrência de diversas formas de inserção, de “ganhos ou perdas” dessa categoria. Globalmente, um terço dos responsáveis pelas unidades produtivas tem dúvidas quanto à continuidade de seu negócio. Os problemas sucessórios tendem a aparecer predominantemente nos estabelecimentos que apresentam maiores dificuldades para sua viabilização econômica.

2. Universo e amostra

Neste trabalho que faz parte da pesquisa de doutorado do autor em fase de conclusão para o ano de 2022, foram pesquisados jovens rurais efetivamente matriculados e egressos dos 3º anos do Curso Técnico em Agropecuária e Agroecologia do Ensino Médio do IFC, Turma 2017-2019 pertencentes ao Campus do IFC de Rio do Sul. Para fins de delimitação pesquisamos uma amostra média de 120 alunos, onde obtivemos a participação de 30 alunos



egressos e 36 alunos com matrículas ativas, sendo que a pesquisa foi direcionada através de formulário Google drive enviada para o grupo de alunos citados anteriormente.

Os critérios elencados para esta definição foram: aluno concluinte ou egresso do curso Técnico em Agropecuária e Agroecologia Turma 2017-2019 do IFC, provenientes da área rural de preferência, filho(a) de agricultor quando possível, e que possuam relação com o meio rural desenvolvendo atividades agrícolas ou/não agrícolas dentro ou fora de sua propriedade, respeitando ambos os sexos masculino e feminino. A escolha desta região deve-se, especialmente, pela representatividade da agricultura familiar e pela paisagem rural ainda fortemente preservada. Implicitamente estamos abordando democracia, cidadania, ecologia, culturas, tradições, entre outros, no mundo rural.

Brandth e Overrein (2013) apontam que, na geração dos pais dos atuais agricultores, os filhos eram criados junto com os pais no ambiente e durante o período de. Hoje, entretanto, com a busca constante pelo aumento de produtividade, os pais alegam não ter condições de conciliar o trabalho e o cuidado de seus filhos no período em que estão trabalhando. Assim, a convivência com os filhos se dá quase que exclusivamente nos espaços de lazer dos filhos, que acabam distanciados do cotidiano de gestão e trabalho na unidade de produção. Assim, conforme os autores, essa nova forma de relação dos pais com os filhos tem um importante papel nas mudanças ocorridas no processo de sucessão das unidades de produção familiar.

3. Sucessão e a migração de jovens nos espaços rurais

Com uma vasta oferta de oportunidades o jovem se torna mais protagonista ou tem mais liberdade no processo de tomada de decisão sobre a sucessão, o que demanda que as famílias rurais adaptem as suas estratégias de reprodução social. Famílias rurais que conseguem manter o maior número de jovens no estabelecimento rural tendem a propiciar condições que favorecem a permanência desses e que não os impelem a buscar alternativas fora do estabelecimento, gerando maiores possibilidades de sucessão.

De acordo com Brumer e Spanevello (2008), a perspectiva de continuidade da agricultura familiar e de suas unidades produtivas depende de uma série de fatores que dificultam ou facilitam a permanência dos jovens. Esses fatores não são únicos nem isolados, mas interligados entre si e dizem respeito às condições socioeconômicas familiares e da unidade produtiva; ao tipo de trabalho (agrícola ou não agrícola) realizado; as oportunidades de trabalho existentes na agricultura familiar e em atividades não agrícolas no meio rural ou nas cidades próximas aos locais de residência, para jovens de ambos os sexos; a educação;



ao acesso ao lazer, {...}. São dimensões que constroem as razões e as motivações dos jovens de querer ou não ser agricultor (a), de querer ou não ficar no meio rural (BRUMER; SPANEVELLO, 2008).

Sobre os pesquisados quando indagados se em sua família existem/existiam familiares que haviam saído e que retornaram para a propriedade após um determinado período, obtivemos as seguintes colocações:

Quadro 1. Há pessoas em seu grupo familiar que saíram do espaço rural e retornaram?

Publico	Total Respondentes	SIM	NÃO
Alunos Atuais	36	16,7%	83,3%
Alunos Egressos	30	26,7%	73,3%

Fonte: Elaborado do autor, 2021¹.

A saída dos filhos ou de alguns deles para seguir em outras profissões ou mesmo para ser agricultor em outro local faz parte das estratégias familiares para garantir a continuidade do estabelecimento familiar. Nesse caso, reproduzir o estabelecimento familiar é mais do que dar continuidade à atividade agrícola ou à perspectiva econômica, é reproduzir a ordem social e a dimensão simbólica associada a ele. O sucessor visa reproduzir o todo social, ainda que, muitas vezes, este processo seja marcado por conflitos, seja porque esse não era o destino desejado, seja pela não aceitação dos demais irmãos (WOORTMANN, 1995).

Neste contexto, os jovens são instigados a questionar os projetos familiares sustentados na reprodução de modos de vida pautados exclusivamente pela atividade agrícola e passam a reivindicar padrões de vida que incorporam valores e condições materiais tidos como “urbanos”. Desta síntese, resultam novas possibilidades de permanência no campo sustentadas pela reelaboração de identidades sociais dos jovens agricultores. Diante dessas situações, a falta de perspectivas extrai dos jovens o direito de sonhar com um futuro promissor no meio rural. No entanto quando indagados sobre o porquê retornaram para a propriedade dos familiares após um determinado período de tempo, obtivemos as seguintes colocações:

¹ Dados que fazem parte da Tese de doutoramento em Desenvolvimento Regional da FURB do autor.



Quadro 2. Justificativas para o retorno a propriedade dos familiares.

Publico	Justificativas
Alunos Atuais	Desemprego, saudades, condições em relação a liberdade, cidade tinha poucos recursos e ele preferiu voltar e ser autônomo, por gostar de trabalhar no campo, pelo alimento que produzimos e não precisamos comprar.
Alunos Egressos	Casamento com pessoa ligada ao campo, melhores condições de trabalho, gostar de trabalhar na agricultura, falta de adaptação, complementar a renda, vida no campo é tudo, após aposentadoria complementar a renda.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Com uma vasta oferta de oportunidades o jovem se torna mais protagonista ou tem mais liberdade no processo de tomada de decisão sobre a sucessão, o que demanda que as famílias rurais adaptem as suas estratégias de reprodução social. Famílias rurais que conseguem manter o maior número de jovens no estabelecimento rural tendem a propiciar condições que favorecem a permanência desses e que não os impelem a buscar alternativas fora do estabelecimento, gerando maiores possibilidades de sucessão.

Outro fator que interfere na situação do jovem na unidade familiar é a sua condição ou não de sucessor da propriedade, pois isso vai determinar diferentes inserções e interesses na relação com a propriedade da terra e com o próprio trabalho familiar, que pode ir do intenso envolvimento ao total afastamento e desinteresse. As motivações para a migração dos jovens podem estar na própria constituição da unidade familiar, ou na comunidade rural, mas também nas oportunidades que surgem externamente no meio rural.

Os jovens que migram em busca da realização de projetos próprios geralmente iniciam pela complementação dos estudos e seguem sua vida profissional no meio urbano do município, da região ou de outras regiões próximas, a procura do seu bem estar individual. Assim, os jovens seguem em busca de uma melhor formação que os prepare para os desafios que enfrentarão no futuro, seja em sua unidade de produção familiar, ou em outro estabelecimento rural ou no próprio meio urbano.

3.1 A questão de gênero e geração no espaço rural

Pensar a discussão do jovem no meio rural requer também repensar o papel e o espaço que cada um dos gêneros ocupa nesta formação social. Neste sentido, a análise das relações de gênero que interessa neste momento, parte da premissa que a divisão social de trabalho e as relações entre homens e mulheres não são construídas em função de suas



características biológicas. Mas, de um produto social que legitima as relações de poder. Nas sociedades onde predomina a dominação masculina não é tão fácil transpor este obstáculo, uma vez que uma ruptura supõe mudança de consciência não apenas dos dominados, mas também dos dominantes.

Na vida de milhões de jovens brasileiros coexistem as mesmas contradições presentes na sociedade. A condição juvenil é vivida de forma desigual e diversa em função da origem social, dos níveis de renda, dos locais de moradia, das disparidades entre espaço urbano e rural, das desigualdades entre regiões do mesmo país, dentre outros fatores. Além disso, há também as desigualdades de gênero, preconceitos e discriminações em relação a etnias, orientação sexual, gosto musical, pertencimentos associativos, religiosos, políticos e até mesmo relativos a torcidas organizadas (NOVAES, 2008).

De acordo com Mendes e Reis (2010), situar o papel da juventude rural no processo de sucessão familiar requer reconhecer os jovens com condições de: [...] se desenvolver conforme seus anseios, seus desejos, sejam eles monetários sociais ou simbólicos, sendo necessário analisa-los como sujeitos, com possibilidades de escolha, não desinteressada ou neutra, mas consciente do seu papel no tempo e no espaço que ocupam.

De acordo com Scoot (2010), seja qual for o seu local de residência ou de trabalho, cada pessoa vive um mundo permeado por culturas edificadas por simbolizações que atribuem, diferencial e dinamicamente, a homens e mulheres, e a crianças, jovens, adultos e idosos, certas características. Os cenários são muitos e, como em qualquer boa peça, se transformam com o desenlace da trama. Não há roteiro sem improvisação, e os próprios atores buscam a sua subjetividade e sua compreensão da subjetividade alheia para encontrar estratégias de preservação e de superação diante das teias de poder em que estão envolvidos.

Desta forma o quadro 3 apresenta esta caracterização dos jovens participantes da pesquisa de acordo com o gênero.

Quadro 3. Caracterização dos sujeitos da pesquisa.

Publico	Total Respondentes	Masculino	Feminino
Alunos Atuais	36	55,6%	44,4%
Alunos Egressos	30	53,3%	46,7%

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.



A caracterização dos jovens participantes da pesquisa de acordo com o gênero, evidência uma maior representatividade do gênero masculino em ambas as situações. Ainda de acordo com (ABRAMOVAY E ESTEVES, 2008, p. 04) a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção está na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, referências múltiplas, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.

Ser de um sexo ou de uma idade tem tantas implicações na vida cotidiana, que algumas das estratégias individuais mais marcantes do mundo contemporâneo são das pessoas tentarem fugir da categorização recebida, investindo em *performances* que as retiram dela ou, pelo menos, demonstrarem a capacidade das pessoas utilizarem as categorizações ao seu próprio uso e gosto. São homens querendo ser mulheres e mulheres querendo ser homens, jovens querendo ser adultos e idosos querendo ser jovens e assim *ad infinitum*, passando pelas muitas outras permutações que evidenciam a flexibilidade das adesões identitárias de gênero e geração. Mas não é só isso. São também pessoas que aderem com tanto afinco à sua categoria, que batalham em todas as frentes para que seja beneficiada, justamente por fazer parte dela (SCOOT, 2010)

Nas regiões coloniais em que predomina a agricultura familiar, verifica-se um padrão a respeito da sucessão das propriedades rurais. Esse padrão comporta variações e exceções, mas são principalmente os filhos homens que herdaram a terra enquanto que as mulheres se tornam agricultoras por casamento (STROPASOLAS, 2004). Na sucessão, a questão de gênero se expressa na gerência sobre a terra e no trabalho agrícola, considerada ainda de domínio masculino por alguns.

Souza (2015), em outro estudo com jovens rurais em Santa Catarina nos mostra que na opinião dos jovens pesquisados, as moças tem as mesmas chances sucessórias (53%), porém deve se considerar nas respostas muito mais o sentimento de que deveria existir igualdade, do que uma possibilidade concreta de realização, o que contradiz com alguns autores.

Desta maneira, o campo está aberto para a elaboração de estratégias de colaboração e de conflito que têm consequências muito significativas para quem mora no ou vive do mundo rural. Uma nova construção social para o reconhecimento dos jovens agricultores, homens e mulheres, requer reconhecê-las como sujeitos participantes dessas complexidades que envolvem o modo de vida no ambiente rural.

A tomada de consciência tem, dentre seus elementos, a necessidade do reconhecimento de cada sujeito participante como um ser único e distinto (para além do ser



igual), ou seja, reconhecer a existência e a importância das diferenças. Trata-se de reconhecer e dar voz ao outro e reconhecê-lo como ser ético, livre e como sujeito de novos direitos (DUSSEL, 2012).

3.2 Perspectivas de continuidade das atividades da agricultura familiar

Conforme Abramovay (2001), pode se dizer que os indivíduos da mesma forma que as sociedades não formulam projetos dos quais não possam antever minimamente as possibilidades de realização. Assim, no futuro desejado já estariam embutidas as restrições que o aproximam do futuro provável.

Embora exista um sentimento de pertencimento e identificação das famílias ao local onde vivem, a permanência do/da jovem no campo é um desafio diante do cenário da globalização, ainda mais, quando observado sob o aspecto das tecnologias da informação e comunicação (TIC) e dos atrativos que chegam até os olhos dos jovens rurais, e do ideário construído sobre a sociedade urbana, incitando-os muitas vezes a deixarem o campo, bem como, sua família (REDIN, 2012). Com relação a continuidade das atividades do estabelecimento rural de sua família, os jovens pesquisados apresentam as seguintes afirmações:

Quadro 4. Continuidade das atividades familiares.

	Total Respondentes	SIM	NÃO
Alunos Atuais	36	80,6%	19,4%
Alunos Egressos	30	86,7%	13,3%

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Os relatos dos jovens através das respostas apresentadas nos questionários deixaram evidentes as expectativas, as motivações e a constituição das identidades de ser jovem no espaço rural nos dias de hoje. Ao considerarmos o jovem rural como ator, é possível compreender a sua relação com a família e com outros meios e, a forma como esta relação interfere em suas vidas, em determinados contextos, são partilhados normas, valores, princípios, e relações de poder. Essa condição juvenil não é única, tendo sua heterogeneidade marcada por critérios como: as condições familiares, as ações em relação ao trabalho na



agricultura, o acesso aos estudos, o gênero, a situação civil, e a proximidade com o meio urbano.

Mas, outra percepção importante, é que, como atores sociais, os jovens apesar de viverem as condições do espaço rural em que estão inseridos, também atuam sobre ele: a partir dos conhecimentos adquiridos em outros espaços, eles definem a suas escolhas e estas interferem diretamente na sua família e na sua comunidade.

4. Considerações finais

Dessa maneira, a problematização desses temas a partir das identificações, das motivações e anseios dos jovens do meio rural que compõem os seus projetos de vida é de fundamental importância quanto à proposição de políticas públicas direcionadas a essa categoria social. Confirmou-se que a juventude rural é uma construção social, entendida como um momento do curso da vida, que pode variar de um contexto a outro. É um momento de dúvidas e incertezas sobre o seu projeto de vida e sobre os caminhos a serem seguidos.

É importante que sejam disponibilizadas condições e opções aos jovens para que estes possam vir a desenvolver suas habilidades e a atuar como agentes de transformação de suas localidades. Além disso, as inclusões dos acessos à universidade, à internet e ao lazer contribuem significativamente para que esses jovens possam conciliar seus projetos de vida com as atividades desenvolvidas no meio rural. Esse processo, de forma progressiva, poderia colaborar com a permanência dos mais jovens por meio da motivação em exercer sua criatividade, ações que necessitassem de maior autonomia por meio das decisões estratégicas que os jovens pudessem assumir com relação à propriedade, no entanto, sem perder os conhecimentos acumulados pelas experiências anteriores vivenciadas por estes adultos que iniciaram a constituição da propriedade familiar.

5. Referências

ABRAMOVAY, R. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco, 1998.

ABRAMOVAY, R. **Os Impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília: NEAD, Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

ABRAMOVAY, M.; ESTEVES, L.C.G. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas

X SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL – Atores, Ativos e Instituições: O Desenvolvimento Regional em perspectiva

15, 16, 17, 23 e 24 de setembro de 2021



mesmas. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E.R.; ESTEVES, L.C.G. (orgs). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2008.

BRANDTH, B.; OVERREIN, G. **Resourcing children in a changing rural context: fathering and farm succession in two generations of farmers**. Sociologia Ruralis ,Oxford, v.53, n.1, p.95-111, 2013.

BRUMER, A.; SPANEVELLO, R.M. **Jovens agricultores da Região Sul do Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, Chapecó: Fetraf-Sul/CUT, 2008. Relatório de Pesquisa.

CARNEIRO, M.J.O. Ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 21, 1998, Vitória. Anais: Herança: dimensões do código consuetudinário de camponeses teuto brasileiros. Vitória: ABA, 1998.

CASTRO, L.R.; CORREA, J. Juventudes, transformações do contemporâneo e participação social. In: _____. (Ed.). **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: Nau, p.9-16, 2005.

DUBAR, C. **A socialização: construção de identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUSSEL, E. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

FERREIRA DE LIMA, J. **Géoéconomie et développement regional**. Paris, France. Publibook, 2012.

LOBLEY, M.; BAKER, J. R.; WHITEHEAD, I. **Farm succession and retirement: some international comparisons**. Journal of Agriculture, Food Systems and Community Development, Ithaca, v.1, n.1, 2010.

MENDES, D. M.; REIS, M. dos. Juventude da agricultura familiar: gênero em foco. In: SEMINARIO INTERNACIONAL FAZENDO GENERO: DIASPORAS, DIVERSIDADES E DESLOCAMENTOS. **Anais...** Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 6 p. 2010.



NOVAES, R.C.R. **Juventude, Juventudes, Jovens das “classes C, D e E” frente aos dilemas de sua geração.** Subsídios para o Seminários Juventude e Teledramaturgia. 2008.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis.** Lisboa: Imprensa nacional/Casa da moeda, 1993.

REDIN, E. **Jovem rural em questão.** Sociais e Humanas, Santa Maria, v. 25, n.1, p. 123-139 jan./jun. 2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/index.php/sociaisehumanas/article/view/2894/3786>

SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. **Gênero e geração em contextos rurais.** Ilha de Santa Catarina, Florianópolis. ed. Mulheres, 2010.

SOUZA, L. **Os caminhos dos jovens rurais sob o olhar dos alunos do curso técnico em Agropecuária do IFC-Instituto Federal Catarinense.** Dissertação de mestrado em Desenvolvimento Regional, FURB-2015. 2015.

STROPASOLAS, V.L. **O valor do casamento na agricultura familiar.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.12, n.1, p.253-267, 2004.

WOORTMAN, E. **Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste.** São Paulo: Hucitec, 1995.